

"ISSO É UM PÉ DE QUÊ?": UMA ANÁLISE DA PERFORMANCE TELEVISIVA DE REGINA CASÉ

"Isso é um pé de quê?": A analysis of Regina Casé's television performance

"Isso é um pé de quê?": Un análisis del desempeño televisivo de Regina Casé

Ohana Boy Oliveira¹

Resumo

Seguindo uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho investiga a performance televisiva da apresentadora Regina Casé no programa Um pé de quê?, a partir do conceito de exploradora social, de Mary Louise Pratt. A inspiração nos viajantes naturalistas europeus do século XIX é analisada através de uma série de episódios desta atração em homenagem a tais figuras, exibida em 2011 no Canal Futura.

Palavras-chave: Performance. Regina Casé. Um pé de quê?. Representação. Mediação.

Abstract

Following an interdisciplinary perspective, this work investigates the television performance of the presenter Regina Casé in the program Um pé de quê?, based on the concept of social explorer, by Mary Louise Pratt. The inspiration of 19th century European naturalist travelers is analyzed through a series of episodes of this attraction in honor of such figures, shown in 2011 on Canal Futura.

Keywords: Desempeño. Regina Casé. Um pé de quê?. Representación. Mediación.

Resumen

Seguindo uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho investiga a performance televisiva da apresentadora Regina Casé no programa Um pé de quê?, a partir do conceito de exploradora social, de Mary Louise Pratt. A inspiração nos viajantes naturalistas europeus do século XIX é analisada através de uma série de episódios desta atração em homenagem a tais figuras, exibida em 2011 no Canal Futura.

Palabras-clave: Desempeño. Regina Casé. Um pé de quê?. Representación. Mediación.

¹ Doutora. Universidade Federal Fluminense (UFF), RJ, Rio de Janeiro. Endereço de e-mail: ohanaboy@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5224-5435>

Neste artigo, desenvolvo a análise de uma das performances de Regina Casé, atriz e apresentadora brasileira, escolhendo sua atuação no programa *Um pé de quê?* (2000-2017) exibido no Canal Futura, pensada a partir do conceito de exploradora social, de Mary Louise Pratt. Analiso sua performance de viajante naturalista baseada em uma série de episódios vinculadas ao tema, que buscava resgatar os passos e trajetórias de determinados pesquisadores e botânicos europeus no século XIX, que vinham para o Brasil em expedições de exploração da fauna e da flora do país, buscando catalogar sua riqueza natural.

Defendo que a relação de mediação da viajante naturalista com a natureza e sua diversidade, aplicada nesta atração, é reproduzida de alguma maneira nas performances dos programas populares exibidos na Rede Globo como *Programa Legal* (1991-1992), *Brasil Legal* (1995-1998), *Muvuca* (1998-2000), *Central da Periferia* (2006) e *Esquenta!* (2011-2017), realizados em parceria com Hermano Vianna e Guel Arraes, considerando-as próximas às mediações sociais e culturais realizadas na interação com os sujeitos (OLIVEIRA, 2020; MARTÍN-BARBERO, 2009). Vale lembrar que dentro das análises sobre a artista, tal programa apresentado no Canal Futura não é o mais explorado de sua carreira televisiva, por isso analiso neste trabalho as características mais marcantes de *Um pé de quê?*, como a questão das viagens, a relação entre cultura e natureza, as locações, as dificuldades enfrentadas, as principais referências etc.

Para embasar tais discussões, me inspiro nas teorias dos estudos culturais britânicos e latino-americanos, seguindo uma perspectiva interdisciplinar e adaptando determinadas abordagens ao contexto atual, visando a descolonização do pensamento. Para tanto, trago uma breve discussão sobre a colonialidade do saber e a construção do conhecimento universal a partir dos primórdios da antropologia clássica europeia, que foi amplamente debatida em investigação anterior (OLIVEIRA, 2020). Resgato alguns autores do Grupo Modernidade/Colonialidade também para relacionar com a colonialidade do poder, refletindo como ainda é atual a relação de subalternização estabelecida com os povos colonizados, permanentemente subjugados pelos povos colonizadores, mostrando que mesmo após o fim dos processos de colonização, a estrutura social continua arraigada nesses princípios. Para pensar performance, utilizo as considerações de Paul Zumthor e as relações que o autor estabelece com o teatro, aspecto marcante na carreira de Regina Casé, que também é atriz. Complementando esse debate, trago Erving Goffman para pensar o trabalho de elaboração da “fachada” na interação social.

O objetivo desta investigação é explicitar, através de um programa de televisão, como a colonialidade do saber é constantemente atualizada pela indústria cultural através das performances midiáticas, que mesmo com fins pedagógicos, acabam reiterando o lugar da ciência de uma maneira que deve ser questionada, em busca da descolonização do pensamento.

Como ponto de partida, concordamos com a perspectiva crítica decolonial do grupo Modernidade/Colonialidade, que conta com autores como Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Linda Alcoff etc. Este Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos faz do giro decolonial um desafio epistemológico buscando justiça cognitiva de uma outra razão. O termo colonialidade do saber e do poder, que inspira esta pesquisa, foi cunhado por Aníbal Quijano no final da década de 1980 e é debatido por seus pares acadêmicos até hoje. Para este trabalho, entendo que a colonialidade do saber está ligada ao lugar de autoridade para legitimar o que é conhecimento e o que não é, estabelecendo regimes de hierarquia e verdade; e a do poder, neste caso, está relacionada aos silenciamentos simbólicos impostos pela indústria cultural hegemônica.

Para Quijano, “a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2000, p. 342). Nesse sentido, a colonialidade do saber está ligada à produção de conhecimento que se pretende universal partindo do lugar do homem cis hetero branco cristão patriarcal ocidental/eurocêntrico. Vale ressaltar ainda que “a pretensa superioridade do saber europeu nas mais diversas áreas da vida foi um importante aspecto da colonialidade do poder no sistema-mundo colonial/moderno. Os saberes subalternos foram excluídos, omitidos, silenciados e/ou ignorados” (GROSFOGUEL, 2008, p. 136).

Nesta investigação, considero que o início da antropologia clássica do século XIX e início do XX está intimamente ligada à chamada colonialidade do saber, demarcando assim o lugar autorizado da ciência, a legitimidade da universidade através de um pensamento iluminista. A proposta é ver como se dá o desdobramento deste processo através da indústria cultural brasileira, tendo como estudo de caso um programa de televisão. Antes de entrar especificamente no debate sobre o programa *Um pé de quê?*, é necessário teorizar o que se entende por performance, definindo o ponto de partida e a filiação teórica para relacionar com a ideia de fachada (GOFFMAN, 2011). Seguindo a análise de Paul Zumthor, performance é uma forma de reconhecimento que implica competência,

presença e conduta designando um ato de comunicação, sendo um “termo antropológico e não histórico, relativo às condições de expressão e da percepção, que refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata” (ZUMTHOR, 2007, p. 50).

Segundo o autor, “a performance não apenas se liga ao corpo mas, por ele, ao espaço. Esse laço se valoriza por uma noção, a de teatralidade” (ZUMTHOR, 2007, p. 39). São esses sentidos de performance que nos interessam, justamente porque comportam “coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2007, p. 31). Complementamos o conceito de performance com as discussões de Erving Goffman, ao escrever sobre o trabalho de elaboração da fachada na interação social. Ao partir de uma perspectiva da representação teatral e seu caráter dramaturgico, Goffman utiliza o termo fachada para se referir à performance, que funciona como equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 2002, p. 29). Tal ideia permite a comparação com as máscaras simbólicas que os atores de teatro utilizam para compor seus personagens, o que se aproxima da vivência teatral de Regina Casé presente em sua trajetória (OLIVEIRA, 2016). É importante ressaltar, entretanto, que, por seu caráter ambivalente, a impressão de realidade criada por uma representação é delicada e frágil, podendo ser quebrada por determinados contratempos, ou seja, as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas à ruptura (GOFFMAN, 2002).

Essa fachada, enquanto construção sociocultural delimitada a partir do contato com o outro, precisa ser mantida e constantemente atualizada para continuar (re)produzindo determinados efeitos de sentido. Goffman diz que tal termo “pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (GOFFMAN, 2011, p. 13), ou seja, “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 2011, p. 14). Justamente por conta disso, a escolha defensiva é pela preservação da fachada,

por conta das inúmeras consequências que determinada mudança acarretaria para a própria reputação².

Utilizamos tais autores como referências devido à nossa filiação teórica, mas sabemos que o debate ampliado sobre performance midiática e sua articulação com as especificidades da linguagem audiovisual no campo da comunicação contribuem significativamente para as reflexões sobre as performances televisivas contemporâneas (AMARAL; SOARES; POLIVANOV, 2018). Portanto, nosso interesse pela performance também está nos “(...) aspectos gestuais, olhares, corporalidade, enunciação desses personagens numa situação de comunicação específica (...)” (FILHO; GUTMANN; AZEVEDO, 2017, p. 3). Antes de debater mais especificamente o programa *Um pé de quê?*, é preciso detalhar o modelo de viajante naturalista através das discussões de Mary Louise Pratt.

“Eu sou que nem eles” – O modelo do viajante naturalista como inspiração para a performance do programa *Um pé de quê?*

Utilizamos como base para este item o livro *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, de Mary Louise Pratt, por entender que suas discussões sobre os viajantes naturalistas e as exploradoras sociais são fundamentais para analisar as performances de Regina Casé como apresentadora. Esta obra tem como objeto de análise os relatos dos viajantes do século XIX com uma abordagem sobre o imperialismo³.

Nos interessam alguns conceitos desta pesquisadora, dentre eles, o de zonas de contato⁴, definidas como “(...) espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o

² “A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ - quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada” (GOFFMAN, 2011, p. 20), ou seja, para sua manutenção é necessária uma dimensão do jogo, de saber jogar conforme as regras para escolher qual a melhor performance para se utilizar em cada situação, é esse ponto que nos interessa mais especificamente.

³ Esses “olhos do império” contidos no título representam o olhar do homem branco vindo de países “civilizados”, que constrói visões de mundo coloniais, diversos estereótipos e também representações do real, por isso interessam.

⁴ Tal termo, emprestado da linguística, vem da expressão linguagem de contato, que “(...) se refere a linguagens improvisadas que se desenvolvem entre locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar entre si de modo consistente, um com o outro, usualmente no âmbito comercial” (PRATT, 1999, p. 31-32). Segundo Mary Louise, tais linguagens, assim como as sociedades das zonas de contato, são consideradas caóticas, bárbaras e amorfas.

mundo”⁵ (PRATT, 1999, p. 27). Outro termo importante como guia é o de narrativa anticonquista, ou seja, um conjunto de “(...) estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia” (PRATT, 1999, p. 32). Apesar de não terem “más intenções” com seus relatos, precisamos ressaltar que tais viajantes não só estavam inseridos no contexto de colonização como eram beneficiados por eles. Marcar tais pontos específicos de partida é fundamental para entender que os parâmetros geográficos são historicamente determinados.

Mary Louise discorre sobre os eventos europeus marcantes do século XVIII no quesito classificação da natureza, com a publicação de determinados livros de botânica que categorizavam as formas vegetais do mundo e a inauguração de expedições científicas internacionais, como a La Condamine. Em termos de literatura de viagem, predominavam os relatos de sobrevivência com grandes temas: navegações, sofrimentos, perigos, maravilhas exóticas e curiosidades. Um dos marcos foi a publicação *O Sistema da Natureza*, de Carl Linné, que buscava classificar todas as plantas do mundo, de acordo com as características de suas partes reprodutivas. Fazia parte do trabalho de tais pesquisadores naturalistas a coleta, construção de coleções, batismo de novas espécies, identificação de plantas conhecidas, em resumo, atividades de estudos sobre os recursos naturais encontrados. Destacamos novamente a narrativa de “anticonquista”, em que “(...) o naturalista naturaliza a própria presença mundial e a autoridade do burguês europeu” (PRATT, 1999, p. 61) como força ideológica no século XIX, ainda com resquícios na contemporaneidade⁶.

Segundo a autora, em relação à época das grandes navegações, quando havia um mapeamento da superfície do planeta ligado à busca por recursos a serem explorados comercialmente, mercados, rotas e territórios para colonizar, a construção da história natural

⁵ Outra definição da autora para o termo é o “(...) espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (PRATT, 1999, p. 31).

⁶ Falando mais especificamente sobre a autoridade da ciência na época, Mary Louise afirma que os textos descritivos especializados eram os mais reconhecidos como tal. Já os relatos jornalísticos e as narrativas de viagem “eram mediadores essenciais entre a rede científica e o público europeu mais amplo, pois eram agentes centrais na legitimação da autoridade científica e de seu projeto global, ao lado de outras formas europeias de ver o mundo e habitá-lo” (PRATT, 1999, p. 63).

estava ligada a uma organização do que se apresentava como caos, no qual a figura do cientista era quem produzia sua ordenação⁷. Comparando o viajante naturalista com o navegador, ele seria “uma figura benigna, frequentemente simpática, cujos poderes de transformação se limitam aos contextos domésticos do jardim ou da sala da coleção” (PRATT, 1999, p. 69). Lembrando que a representação geral desse sujeito histórico universal é a do homem, branco, europeu e letrado, como “uma imagem utópica, simultaneamente inocente e imperial, professando uma benigna visão hegemônica que não instauraria qualquer aparato de dominação. (...) Os naturalistas eram vistos como auxiliares das aspirações comerciais expansionistas da Europa” (PRATT, 1999, p. 69), ou seja, em troca de viagens e/ou favores específicos, produziam conhecimento para ser utilizado comercialmente⁸.

Importante ressaltar que existem variados tipos de livros de viajantes, com disputas de narrativas, algumas humanizando mais os nativos, e outras depreciando sua existência, colocando-os em um lugar de inferioridade. Mas um elemento que conecta tais registros é a tentativa de se esquivar da culpa da colonização, como se não tivessem relação com tal processo: “(...) o discurso de viagem que a história natural produz, e que é produzido por ela, repousa sobre um grande desejo: uma forma de tomar posse sem subjugação ou violência” (PRATT, 1999, p. 108).

Aprofundando na categoria de interesse, seguimos com as exploradoras sociais. Originalmente *exploratrices sociales*, esse termo foi utilizado pela crítica alemã Marie-Claire Hock-Demarle para discutir o trabalho de Flora Tristan e sua contemporânea germânica Bettina von Arnim (PRATT, 1999). Buscamos em Mary Louise Pratt essa perspectiva feminina dos relatos de viagem e os processos de construção de alteridades, considerando o contexto de mulheres burguesas, dentre elas Flora Tristan e Maria Graham Callcott. Buscando um maior alcance, “as exploradoras sociais evitavam linguagens estatísticas especializadas baseadas na autoridade técnica e,

⁷ Uma das tarefas foi criar sistemas classificatórios onde “não apenas extraía os espécimes de suas relações orgânicas e ecológicas um com o outro, mas também de seus lugares nas economias, histórias, sistemas simbólicos e sociais de outras populações” (PRATT, 1999, p. 66).

⁸ A questão que se coloca, portanto, é o quanto e de que forma esse conhecimento é usado para beneficiar quem já é o dominante ou se acaba servindo de brecha para os dominados se rebelarem contra as formas de opressão, pois não é por acaso que “a sistematização da natureza coincide com o apogeu do tráfico de escravos, o sistema de plantations, o genocídio colonial na América do Norte e na África do Sul, as rebeliões de escravos nos Andes, Caribe, América do Norte e noutras partes” (PRATT, 1999, p. 74). De maneira geral, o desenvolvimento da história natural se deu através de registros escritos e fontes impressas como documentos que legitimam a história, com o uso do conhecimento gerado pelos viajantes naturalistas para questões estratégicas, como comércio e apropriação.

em vez disso, faziam uso da prática novelística para expressar suas descobertas, produzindo uma ‘sutil fusão do literário e do social, desenvolvido ao nível do estilo’” (PRATT, 1999, p. 277).

De certa maneira, essa perspectiva “feminina” das exploradoras sociais, que também servia como forma de autodescobrimento, olhava mais detalhadamente algumas questões sociais (que historicamente foram pautas das discussões sobre direitos humanos), ocorrência rara em um ambiente de exploração colonial com uma supremacia masculina, branca e burguesa. Pela ótica dessas exploradoras sociais, há uma atenção maior às *zonas de contato* entre as diferentes culturas, às fronteiras físicas e simbólicas de separação e às negociações estabelecidas para lidar com os conflitos, indicando um processo de transculturação. Trazendo esses conteúdos, tais relatos se davam tanto na forma de diário, bastante comum para a época, quanto na forma de narrativa autobiográfica, fazendo uma reatualização dos relatos de viagem enquanto gênero literário, gerando publicações de vários livros e, até mesmo, inspirando roteiros.

Essa discussão bibliográfica sobre a obra de Mary Louise Pratt acerca dos olhos colonizadores do império se faz necessária para guiar algumas hipóteses: parte da performance que Regina Casé desempenha é a de uma viajante naturalista, parte é a de exploradora social? Regina Casé tem interesse em ser viajante mas performa mais uma exploradora? Regina Casé se afasta das mulheres viajantes no quesito preferência pelo universo doméstico? Para seguir procurando tais respostas, é necessário entrar no universo do programa *Um pé de quê?*.

“Isso é um pé de quê?”

Esse programa foi escolhido para discutir a colonialidade do saber porque ele representa diversos aspectos do que já foi abordado: conhecimento autorizado pela ideia de ciência europeia materializada nas missões que vinham para terras colonizadas no intuito de “descobrir” e mapear o “desconhecido”; dimensão da viagem realizada que já fazia parte dos relatos e da construção de imaginários, posteriormente também dos registros dos mesmos; um exemplo de sistema mundo patriarcal sexista racista colonial na figura dos encarregados dessa “aventura” pelo novo mundo com “os olhos do império”.

O programa *Um pé de quê?*, exibido no Canal Futura⁹ de 2000 a 2017, dirigido por Estevão Ciavatta¹⁰ e produzido pela Pindorama Filmes¹¹, foi idealizado e apresentado por Regina Casé seguindo o eixo principal da natureza, realizando identificação de árvores, plantas, flores etc. Tal atração buscava dar visibilidade e (re)conhecimento a determinadas espécies da flora, além de querer “aproximar as árvores dos espectadores através da música, da culinária, da história, da tecnologia, da antropologia e de muitas histórias brasileiras”¹².

Em cada episódio eram apresentados dados históricos e científicos das plantas (nome biológico, tamanho da folha, diâmetro do tronco, altura da árvore, época de frutificação, lugares de maior ocorrência etc.), acompanhados de imagens da cidade, da região, dos habitantes, das frutas, das árvores e dos aspectos da natureza. Regina Casé entrevistava em tom informal, pessoas relevantes, moradores e especialistas sobre o assunto abordado, que traziam mais dados históricos e suas versões narrativas, atuando como personagens-chave dos episódios. Sendo assim, no programa existiam diversos atravessamentos culturais, através dos modos de vida e referências literárias com informações biológicas das espécies da flora.

⁹ “Criado em 1997, o Futura é um projeto social de comunicação, da iniciativa privada e de interesse público. Que nasce e se constrói em parcerias. Uma TV atrativa e educativa que trabalha com redes sociais, mobilizando comunidades e instituições sociais. Atua colocando em conexão pessoas, idéias, redes e instituições. Alcança crianças, jovens, famílias e trabalhadores. Aborda temas de interesse coletivo. Fala de saúde, trabalho, juventude, educação, meio ambiente e cidadania. Um aliado do brasileiro na busca da construção de uma vida melhor”. Disponível em: <<http://www.umpedeque.com.br/realizadores.php>> Acesso em: 03 jan. 2017.

¹⁰ Estevão Ciavatta é casado com Regina Casé, com quem tem um filho, além de ser seu sócio na produtora Pindorama Filmes. Em descrição disponibilizada na internet, destaca-se que ele é “diretor, roteirista, editor, fotógrafo de cinema e TV. Formado em 1993 no Curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense/RJ, tem em seu currículo a direção de algumas centenas de programas para a televisão, como os premiados Brasil Legal, Central da Periferia e Um Pé de Quê?, além dos filmes “Nelson Sargento no Morro da Mangueira” - curta-metragem sobre o sambista Nelson Sargento – e “Programa Casé: o que a gente não inventa não existe” - documentário longa-metragem sobre a história do rádio e da televisão no Brasil. Em 2012, criou, produziu e dirigiu a série Preamar para a HBO”. Disponível em: <<http://www.wmfmartinsfontes.com.br/produto/866-pau-brasil-colecao-inspirada-noprograma-um-pe-de-que>> Acesso em: 10 mar. 2017.

¹¹ “Fundada por Estevão Ciavatta e Regina Casé em 2000, a Pindorama nasceu do desafio de fazer um programa de TV sobre as árvores brasileiras - “Um pé de quê?”. Já são dez anos de programas no ar, com mais de 120 árvores retratadas, de todos os biomas brasileiros. Com anos de experiência em TV aberta e fechada, a Pindorama conquistou o reconhecimento através da qualidade e da repercussão de seus projetos. *A VOCAÇÃO POPULAR* e o foco no *CONTEÚDO COMO ENTRETENIMENTO* são suas principais características”. Disponível em: <<http://www.umpedeque.com.br/realizadores.php>> Acesso em: 03 jan. 2017. [grifos do site]

¹² Parte da descrição do programa no canal do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCvjnf8vl7NnpuskSY6s8beg/about>> Acesso em 16 jan. 2017.

Em vídeo promocional do programa¹³, Regina Casé, ao demonstrar seu interesse por botânica e gosto pela natureza, comenta que, se tivesse nascido no século XIX, talvez fosse uma viajante naturalista. Mas, ao pensar nas horas de avião, carro, barco que já percorreu pelo país e pelo mundo, “na minha quilometragem, como eu sou rodada”, a artista se vê, mesmo no século XXI, como uma viajante naturalista. Em relação ao material gerado, os vídeos do programa estão disponíveis no próprio canal no Youtube, além do canal da produtora, Pindorama Filmes. Dependendo da temporada, cada episódio tem uma duração de 15 a 30 minutos. No comparativo com outros programas já apresentados por Regina Casé, o foco parece estar na informação, seja sobre a botânica, seja sobre a cultura, apresentada de uma forma didática¹⁴.

A ideia não é fazer uma extensa descrição e análise de todos os episódios de todas as temporadas, mas ressaltar alguns exemplos mais nítidos do que pretendemos abordar, selecionados de acordo com os critérios estabelecidos: momentos emblemáticos de performance como viajante naturalista e exploradora social. Além do formato e do conteúdo analisados, percebidos por inferência, a posição assumida e sua manifestação explícita da performance de Regina Casé se configuram nos eixos a serem abordados a seguir. Para tanto, escolhemos uma série de programas realizada em 2011 sobre os viajantes naturalistas do século XIX, onde abordaremos a dimensão da viagem, a relação com a botânica, os locais visitados, os elementos performáticos, as dificuldades enfrentadas, as referências explícitas aos viajantes assim como as comparações com os mesmos.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=toOGBSkiSxw>> Acesso em 02 mar. 2017.

¹⁴ Ao longo dos anos, foram exibidos mais de 150 episódios do programa *Um pé de quê?* (segundo Wikipédia) em várias temporadas com diversas temáticas classificatórias, tais como Cerrado (Lobeira, Lixeira, Cutieira, Copaíba, Tucumã, Rouxinho, Sumaúma, Pequi, Barbatimão, Quiabo da Lapa etc), Amazônia (Jenipapo, Breu Branco, Mogno, Cupuaçu, Cacau, Andiroba, Assacu, Castanheira etc), Mata Atlântica (Embaúba, Pau-Brasil, Jerivá, Jequitibá, Araucária, Visgueiro, Sibipiruna, Indaiá, Tipuana, Camaçari, Pitomba, Xaxim, Paineira etc), Exóticas (Caqui, Baobá, Mangueira, Amendoeira etc), inclusive em outros países, como no especial do Japão (Sakura).

Dessa forma, os episódios analisados são Pau Pereira/Primeira vez, no Rio de Janeiro (RJ)¹⁵, Chá de Pedestre, em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG)¹⁶, Quiabo da Lapa, em Diamantina (MG)¹⁷, Tingui, também em Diamantina (MG)¹⁸, Guiné, em Milho Verde (MG)¹⁹ e Exótico, novamente no Rio de Janeiro (RJ)²⁰. Seus detalhes estão presentes ao longo da discussão dos eixos, com informações percebidas a partir da observação dos episódios e das referências utilizadas, lembrando que tais aspectos não são isolados, mas se mostram recorrentes na narrativa geral do programa, que foi dividida aqui apenas para fins metodológicos, já que tais dinâmicas estão permanentemente imbricadas.

a) Viagens - “Como eu sou rodada”

Nessa série especial, as viagens foram realizadas dentro do Brasil, abordando principalmente a região sudeste com destaque para os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nestes casos, tão importante quanto o próprio lugar a ser explorado, era o processo de chegar até lá através dos deslocamentos de longas horas, o que já vai permitindo um mapeamento de determinadas performances²¹.

No episódio intitulado “Primeira Vez”, por exemplo, Regina Casé traz um apanhado histórico do período da chegada dos viajantes europeus ao Rio de Janeiro, tendo como primeira imagem a Baía de Guanabara. Logo no início, a apresentadora lê um trecho

¹⁵ Episódio disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kqSDdP4Tj6g>> Acesso em 21 jan. 2019.

¹⁶ Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aCpVSS_OPpk&index=19&list=PLFi_4S2Ue18JzUzMmM_WFs1M55AHv-TQ9> Acesso em: 21 jan. 2019.

¹⁷ Episódio disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kV0XVfazWLM>> Acesso em: 21 jan. 2019.

¹⁸ Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o1Kyz0L1VEg&list=PLFi_4S2Ue18JzUzMmM_WFs1M55AHv-TQ9&index=18> Acesso em 21 jan. 2019.

¹⁹ Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IB4zJenAym8&list=PLFi_4S2Ue18JzUzMmM_WFs1M55AHv-TQ9&index=20> Acesso em 21 jan. 2019.

²⁰ Episódio disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=deVt9MKFsrU>> Acesso em 22 jan. 2019.

²¹ No episódio sobre o buriti, por exemplo, a narrativa começa com a apresentadora no avião relatando que terminou de ler *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e precisava se enveredar pelo cerrado e ver “se os buritis acenam com suas folhas em leque”. São exibidas imagens do voo, do pouso do avião, da saída de Regina Casé, com o off da comissária de bordo, além da apresentadora chegando no aeroporto. Após a abertura do programa, Regina fala sobre a pessoa que irá encontrar para conversar e entra no carro dizendo em qual cidade está e que vai para casa do Seu Zito, um personagem vivo do livro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tvhPRNA5RHQ>> Acesso em 31 ago. 2019.

do relato de viagem de Maria Graham (que é citada no livro da Mary Louise Pratt) para mostrar suas impressões sobre o Rio de Janeiro daquela época. Maria Graham foi uma viajante e escritora inglesa que esteve no Rio de Janeiro em 1821 com seu marido Thomas Graham, capitão da Marinha de Guerra Britânica. O trecho lido de *Diário de uma viagem ao Brasil* foi o seguinte:

Nada do que vi até agora é comparável em beleza a essa Baía. Altas montanhas, rochedos, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verduras, tudo misturado com construções brancas, navios ancorados e inúmeros barcos movimentando-se em tão delicioso clima. Tudo isso reúne pra tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber.

Regina Casé comenta que, quando um viajante chega em um lugar novo, ele procura um guia ou busca traçar um roteiro para viagem, e que isso também acontecia com os viajantes do século XIX quando passavam pelo Rio de Janeiro:

(...) tirando Copacabana, Ipanema e esse roteiro que tem pelas favelas, era muito parecido com o que os turistas fazem hoje em dia: Cascatinha, Floresta da Tijuca, muitos relatos da Vista Chinesa, da Pedra da Gávea, da Lagoa Rodrigo de Freitas, do Pão de Açúcar, do Corcovado, até mesmo da Lagoa de Jacarepaguá.

A apresentadora comenta que, na infância, quando perguntada se, caso pudesse viajar no tempo, para onde ela iria, ela respondeu que não seria para o futuro como a maioria das crianças queria, mas no passado do Rio de Janeiro, onde nasceu, para ver como era a cidade naquele tempo.

Como já indicamos acima, Regina Casé já declarou o fato de que gostaria de ser uma viajante naturalista do século XIX, mas que, considerando suas viagens e quilômetros rodados, poderia se considerar uma viajante naturalista mesmo no século XXI. São exibidas imagens de viagem de van, chegando no aeroporto, no avião, no carro, assim como mapas que mostram as rotas. Em off, a voz da apresentadora diz:

De um lado os cientistas queriam aprender com os nativos, de outro queriam ensinar os nativos a olharem além. A ideia era que se o nativo juntasse o conhecimento intuitivo ao conhecimento científico, hoje por exemplo no século XXI, o brasileiro seria muito mais autossuficiente, aproveitaria mais os recursos da sua natureza. Uma ideia próxima do que atualmente a gente chama de desenvolvimento sustentável.

São exibidas e comentadas imagens das viagens por vários lugares ao longo dos onze anos do programa, com muitos quilômetros percorridos, neste trabalho de “descoberta do mundo natural”. O viajante naturalista é retratado como alguém que se

arriscava “para reconhecimento científico de uma terra estranha”, dando ênfase na ideia de aventura: “atravessaram um oceano só pra conhecer a natureza de outro lugar, uma natureza nova. Corajosos né?”.

Alguns momentos iniciais do programa se dão em um jardim onde a apresentadora interage com uma planta: “Eu gosto de ver as coisas com meus próprios olhos, não basta ler no livro ou ver no computador. Eu quero encontrar, quero tocar, quero cheirar, conhecer”. Este episódio traz imagens de pinturas antigas e Regina comenta:

No século XIX viveram uns caras que percorreram enormes distâncias e enfrentaram muitos perrengues da Europa até o Brasil só pra conhecer uma orquídea como essa, uma palmeira dessa, essa bromeliázinha aqui (imagens das plantas). Quando a família real portuguesa chegou ao Rio de Janeiro há mais de 200 anos, um monte de cientistas europeus chegaram também por aqui e realizaram um novo descobrimento do país. Imagina a sensação desses caras ao chegar no Rio de Janeiro no século XIX. Era tudo muito exótico, muito diferente, muito lindo. (grifos nossos)

Sendo assim, tanto para a performance de Regina Casé quanto para os viajantes naturalistas, as viagens se configuravam como partes fundamentais das práticas desbravadoras por novos territórios. Esse contato presencial com determinados lugares também expressa certa relação afetiva com a natureza, abordada a seguir.

b) Relação com a botânica - *“Eu gosto de ver as coisas com meus próprios olhos, não basta ler no livro ou ver no computador. Eu quero encontrar, quero tocar, quero cheirar, conhecer”*

Nesse aspecto, destacamos o apreço pelas espécies da flora como forma de valorização da natureza e sua consequente preservação. Em um episódio, por exemplo, ao andar pela vegetação, Regina comenta a importância dos botânicos para o conhecimento da natureza, e que, apesar de não ser uma, após 11 anos fazendo o programa, revela que já pode dizer que conhece um pouquinho da natureza do país.

Um dos pontos explicitados na fala de Regina foi sobre o propósito dos viajantes ser o conhecimento da natureza para sua preservação. Esse empenho na difusão do conhecimento para a preservação da natureza também é mais uma aproximação feita entre a atuação dos viajantes naturalistas e o trabalho desempenhado pela apresentadora em termos de performance.

Em uma das cenas, passada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a apresentadora aparece para falar sobre o conhecimento científico da natureza através dos livros de botânica, conversando com Lorelai Kury, historiadora que desenvolve pesquisas sobre esses viajantes que escreveram obras sobre a história natural. Na parte de livros raros da biblioteca, são mostradas as pinturas e descrições de algumas espécies de plantas, em missão oficial ligada a uma instituição científica europeia. Um dos pontos abordados é justamente a classificação do botânico Carl von Linné, ou como conhecido no Brasil, Carlos Lineu, considerado o pai da taxonomia moderna, sobre as partes reprodutivas das plantas como base da botânica, tema que Mary Louise Pratt também discute em seu livro sobre os olhos do império e o poder simbólico de nomear.



Figura 1: Regina Casé interagindo com a vegetação. Fonte: Episódio Chá de Pedestre.

Sobre esse aspecto da botânica, em geral são apresentados dados históricos por pesquisadores de universitários e dados biológicos por pesquisadores do próprio Jardim Botânico. Assim, a figura do especialista também aparece como autoridade para se

falar deste assunto com propriedade. Outro aspecto importante para essa garantir esse aval da autoridade diz respeito ao local onde estão sendo feitos os registros das entrevistas para o programa, discutido no próximo item.

c) Locações

Outro ponto importante a ser destacado é o que diz respeito às locações onde as gravações são realizadas, que não se limitam aos espaços da natureza ao ar livre das cidades visitadas. Um episódio, por exemplo, destaca a Estação das Barcas na Praça XV do Rio como lugar de chegada e partida, lembrando a chegada da corte portuguesa no Brasil. Outro ponto da cidade ressaltado é a Quinta da Boa Vista, passagem obrigatória dos recém-chegados que eram alocados no Palácio que abrigava o Museu Nacional. Segundo o roteiro do episódio, o grupo de viajantes especialistas veio equipado com as tecnologias da época para catalogar e desenvolver pesquisas aqui, porém não falava o idioma português. Já em outro episódio, é mostrada a cidade pela qual passa a Estrada Real e o circuito dos diamantes, com um centro histórico voltado para o turismo, além de serem apresentados dados científicos e propriedades medicinais das plantas.

Alguns dos locais onde as entrevistas são realizadas marcam o lugar de autoridade da produção de conhecimento, já que em diversos episódios observamos que as mesmas acontecem em bibliotecas e museus, instituições historicamente ligadas à colonialidade do saber eurocêntrico. A figura do especialista, aliada a estas locações reconhecidas como espaços de conhecimento autorizado, corrobora para o contexto onde ocorrem as performances de viajantes naturalistas, exemplificada a seguir.

d) Performance de viajante naturalista - *“E se eles soubessem falar português, eu acho que a pergunta que eles fariam seria: isso é um pé de quê?”*

Sabemos que a performance não se limita aos discursos, ou seja, no caso do programa não levamos em consideração apenas o que está sendo dito, mas também a forma como os enunciados estão sendo colocados na tela. Podemos aferir esses elementos através dos figurinos e das interações realizadas nos meios de transporte utilizados para os deslocamentos ao longo desta temporada.

Em determinado episódio, por exemplo, saindo das árvores, Regina aparece com um figurino composto por blusa, calça e bota verde-musgo, que se aproxima da imagem que temos dos viajantes e/ou turistas, e comenta: “E se eles soubessem falar português, eu acho que a pergunta que eles fariam o tempo todo seria: isso é um pé de quê?”. Com o historiador da arte Júlio Bandeira, a apresentadora visita alguns pontos específicos do Rio, fazendo um *tour* de jipe por alguns deles, seguindo o roteiro dos primeiros estrangeiros que visitaram a cidade no século XIX e deixaram alguns registros escritos e visuais (Marianne North e Maria Graham são exemplos).



Figura 2: Regina Casé e Júlio Bandeira na Praça XV antes do passeio de jipe. Fonte: Episódio Primeira Vez.

Ao pegar uma van para seguir os passos de Saint-Hilaire, viajante francês que esteve no Brasil no século XIX, por Minas Gerais, Regina comenta: “Mais que um apresentador de TV, eu acho que os viajantes eram o que hoje é pra gente a internet, quem espalha notícia pra todo mundo”. Esse é um dos aspectos mais marcados na performance que se pretende similar à do viajante naturalista, de

não apenas desbravar e conhecer novidades, mas também divulgar para outros lugares e se colocar como referência das “descobertas”. Mas, como nem tudo são flores, os obstáculos diante desta empreitada aparecem e são destacados no próximo item.

e) Dificuldades

Além das distâncias percorridas, outra aproximação entre as performances são as dificuldades e imprevistos das viagens. Alguns contratempos enfrentados pela equipe ao longo das gravações do programa nesses anos foram lembrados para comentar algumas hostilidades que os viajantes também enfrentavam, seja por conta de insetos variados, algumas doenças, comidas e alimentos diferentes, padrões distintos de limpeza, situações inconvenientes etc.

Chegar no Rio de Janeiro era como chegar no paraíso, mas de longe. Quando você começava a se embrenhar pelas suas ruas, era uma visão do inferno: sujeira, insalubridade, doenças... Mas foi olhando para essas mazelas que eles fizeram suas maiores descobertas (...).

Por mais que os momentos de conquista sejam exaltados, vale destacar que tais dificuldades encontradas também são relatadas em alguma medida. Dentre esses paralelos com os viajantes, vale ressaltar que existiam alguns que eram mais exaltados do que outros, como veremos a seguir.

f) Principais referências - *“Vi que Saint-Hilaire dizia a mesma coisa!”*

Nesse tópico destacamos os principais viajantes naturalistas citados pela apresentadora como referências por conta de seus trabalhos desenvolvidos no Brasil do século XIX, pontuando principalmente essa perspectiva de observar o outro que é considerado diferente, ressaltando o ponto de vista estrangeiro acerca dos nativos. O ícone mais exaltado é Auguste Saint-Hilaire, pesquisador francês que ficou no Brasil de 1816 a 1822 e passou pelos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Em determinado episódio, são exibidos comentários elogiosos de turistas brasileiros e estrangeiros sobre a cidade, com suas impressões sobre a beleza do Rio de Janeiro, como forma de enaltecer o olhar de quem é de fora, fazendo um paralelo com os viajantes que chegaram no século XIX. No programa em questão, os naturalistas deste século, que vieram com a corte portuguesa para o Brasil,

são definidos como os homens de ciência, que vinham descobrir novos alimentos e propriedades medicinais das plantas durante os meses e anos que passaram por aqui. Botânicos, pintores, mineralogistas e médicos compunham a missão científica austríaca que chegou no Rio de Janeiro em 1817 com a Imperatriz D. Leopoldina. Segundo Regina Casé, “a palavra de ordem não era mais explorar e sim investigar”, explicando como a cidade do Rio foi sendo “redescoberta” conforme os relatos de viagem, caracterizando um “redescobrimento do Brasil”.

A continuidade da série de programas sobre os viajantes naturalistas foi em Minas Gerais, na Estrada Real, seguindo os cadernos de viagem de Auguste Saint-Hilaire. Em entrevista a um jornal na época²², a apresentadora revelou:

(...) Aí, de noite, lendo o livro, como eu falei, vi que Saint-Hilaire dizia a mesma coisa! Que ficou impressionado com o comércio, que não deixava nada a desejar à Inglaterra... Isso é a cara do "Um pé de quê?". (grifos nossos)

Mais uma vez, o nome de Auguste Saint Hilaire aparece e com voz em *off* Regina comenta os nomes e as imagens dos europeus: “Os viajantes europeus visitavam os países ditos selvagens ou menos civilizados, como o Brasil, numa espécie de missão. Para eles, seus interesses eram os interesses da humanidade inteira”. É ressaltada ainda a contribuição de Saint Hilaire para descrição da flora brasileira, acreditando que conhecer as plantas e a botânica fazia parte da ideia de uma vida melhor, como é demonstrado na leitura de um trecho de seu livro de 1816. Uma parte do programa exibido foi gravada na cidade de Diamantina (MG), cidade mineira onde Saint Hilaire passou por um período de suas viagens²³.

Em outra entrevista, um pesquisador da USP explica a importância deste viajante naturalista para o reconhecimento da biodiversidade do Brasil. Em obra de 1840, o naturalista fez um balanço de vida que Regina lê no final do programa: “Talvez eu não

²² Matéria *No novo ano de Um pé de quê? Regina Casé segue estrada real*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/no-novo-ano-de-um-pe-de-que-regina-case-segue-estrada-real-3324966>> Acesso em: 21 jan. 2019.

²³ Outro trecho do programa, porém, foi gravado no celular por Estevão Ciavatta quando eles estiveram em Paris (França), no mesmo ano, visitando o Jardim des Plantes e conversando com pesquisador do Herbário Paris, que explica que o trabalho de Saint Hilaire não se limitava à descrição de plantas e animais. Em determinado momento dentro do herbário, Marc Pignal, botânico e curador do espaço visitado, encontra um exemplar de uma folha de Diamantina registrada por Saint Hilaire em 1816.

tenha sido inútil aos meus semelhantes quando eu submeti aos princípios rigorosos da ciência o exame das plantas que os brasileiros empregam para o alívio dos seus males”.

Após a leitura de um trecho do diário de um naturalista alemão, a apresentadora complementa: “Os viajantes naturalistas transformavam a natureza em ciência, a gente transforma a natureza em programa de tv”. Para encerrar, a apresentadora relata: “É muito bom quando a gente lê um relato de viajante como o Langesdorf, Saint Hilaire, Von Martius (...)”. O programa termina com Regina agradecendo aos viajantes naturalistas o conhecimento que eles geraram sobre o passado, para comparar com o que temos hoje e imaginar como será no futuro. Diante do panorama apresentado até aqui, analisamos por inferência e análise dos episódios as relações estabelecidas entre a performance dos viajantes naturalistas e a da apresentadora. A seguir, veremos como no discurso aparecem também autodeclarações que evidenciam uma relação ainda mais direta entre esses dois universos.

g) Citações explícitas - “*Eu sou que nem eles*”

Nesse eixo, o programa assume a herança colonial, como podemos confirmar através das citações explícitas de admiração pelo trabalho dos viajantes naturalistas assim como algumas autodeclarações de que as performances de Regina Casé são similares aos destes homens do século XIX. Seja fazendo reverência (“*copiando meu mestre*”), comparando o trabalho como apresentadora de televisão (“*Eu acho que os viajantes naturalistas naquela época eram a mesma coisa que um apresentador de TV, era quem espalhava a novidade pelo mundo*”) ou enaltecendo seu ímpeto aventureiro (“*já percorri distâncias enormes só pra conhecer uma árvore, pra ver uma planta diferente*”), Regina Casé ressalta as semelhanças com tais desbravadores afirmando: “*Eu sou que nem eles*”.



Figura 3: Regina Casé caracterizada com o figurino do programa. Fonte: Episódio Tingui.

Diante de tais eixos expostos, percebemos a proximidade estabelecida entre a performance da apresentadora no programa e a prática dos viajantes naturalistas, como aquele que descobre, se encanta com as coisas e espalha as novidades para o mundo. Não apenas a diversidade natural, mas também a humana, são abordadas de várias maneiras neste programa, mostrando um “choque vegetal e cultural”, seguindo o lema “tudo junto e misturado”²⁴. Vale notar também a separação marcada entre o que é o conhecimento intuitivo dos nativos e o que é o conhecimento científico dos naturalistas, formando uma equação desigual em termos de reconhecimento efetivo. Importante ressaltar dentro dessa perspectiva que essa separação entre natureza e cultura foi construída como uma ideia eurocêntrica, criada para reproduzir o capitalismo, ou seja, faz parte da criação da colonialidade do saber com o objetivo de

²⁴ Termo emblemático da mistura que é difundida sobre a identidade brasileira e que aparece principalmente no programa *Esquenta!*, analisado em outro trabalho (OLIVEIRA, 2015).

manter seu poder. Aqui é importante diferenciar que a performance do viajante naturalista corrobora com essa divisão natureza e cultura, que é seguida por Regina Casé em seus programas, apesar de estarmos afirmando que ela trata ambas de maneira similar. Isto é, pensando a colonialidade do saber e do poder, a lógica de separação permanece, diferentemente da perspectiva decolonial.

É impressionante notar, portanto, como as práticas colonialistas do século XIX, por mais que tenham “boas intenções”, são atualizadas, nas devidas proporções, no século XXI, sendo reproduzidas na televisão, na mídia, na universidade e em espaços acadêmicos reorganizados com base epistemológica no Iluminismo, nas políticas públicas seletivas etc. Tal perspectiva eurocêntrica limitada é autorizada por uma instância de poder econômico, político e cultural, simbólico e material construído para tal justamente através da exploração de outros países e suas culturas e populações.

Considerações finais

Ao longo desta investigação, discuti a performance televisiva de Regina Casé no programa *Um pé de quê?* mostrando como sua atuação no mesmo, que não é muito analisada academicamente, em relação aos outros trabalhos de sua trajetória, é chave fundamental para sua mediação comunicativa que compõe sua carreira artística como apresentadora de programas populares na Rede Globo. Vimos como o caráter pedagógico de *Um pé de quê?* é visto como informativo, que tem o respaldo do conhecimento científico das ciências biológicas, diferentemente dos outros programas apresentados ao longo da trajetória da artista, que exploram majoritariamente o viés da cultura com uma abordagem antropológica. Porém, ao mesmo tempo, ele fornece o modelo para a performance de Regina Casé como uma espécie de “desbravadora do Brasil profundo” em outros de seus programas e na sua face pública.

Discuti ainda a colonialidade do saber, que demarca um lugar de autoridade, onde a experiência colonial e a atualização desse olhar colonizado prendem o outro no lugar do estereótipo. Essa produção eurocêntrica de saber que se coloca como verdade aparece de maneira simbólica na figura dos viajantes naturalistas do século XIX e é atualizada na performance de Regina Casé no programa *Um pé de quê?*. Vimos como o discurso científico ligado à antropologia clássica se coloca como lugar de autoridade que legitima determinado conhecimento em detrimento de outros, partindo da exploração e desbravamento da natureza.

Nesse sentido, não é possível afirmar que tal artista seja literalmente uma viajante naturalista, uma exploradora social ou uma antropóloga, por conta das diferenças contextuais entre a prática da apresentadora em seus programas e aquelas desempenhadas por esses agentes em outros tempos e espaços. No entanto, podemos afirmar que tais práticas etnográficas, ligadas à antropologia clássica consolidada no senso comum e atreladas à colonialidade do saber, constituem partes importantes da performance de Regina Casé enquanto apresentadora de programas que se propõem a valorizar o que é brasileiro, ratificando uma identidade nacional ligada à diversidade cultural. O objetivo foi explicitar, através de um programa televisivo, como a colonialidade do saber se faz presente e é atualizada pela indústria cultural através das performances midiáticas, que mesmo que tenham fins pedagógicos, acabam reiterando o lugar da ciência de uma maneira que deve ser cada vez mais questionada, visando a descolonização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.; SOARES, T.; POLIVANOV, B. (2018). Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom – RBCC*, v.41, n.1, São Paulo, p.63-79, janeiro – abril.
- BALLESTRIN, L. (2013) América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio – agosto.
- FILHO, J.; GUTMANN, J.; AZEVEDO, R. (2017). Performances e memória em expressões televisivas. *Revista Famecos (Online)*, n. 3, v. 24, Porto Alegre, setembro – dezembro.
- GOFFMAN, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOFFMAN, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GROSGOUEL, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2009). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- OLIVEIRA, O. B. (2020). *Aspectos da colonialidade do saber, do poder e do ser – uma análise das performances de Regina Casé em sua trajetória televisiva*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense.
- OLIVEIRA, O. B. (2016). “Rapte-me camaleoa”: Regina Casé e sua trajetória como “antropóloga midiática do popular”. In: *Anais do XII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador, Bahia.
- OLIVEIRA, O. B. (2015). “O que o mundo separa, o Esquentar! junta?”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Universidade Federal Fluminense.
- PRATT, M. L. (1999). *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC.
- QUIJANO, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386.
- ZUMTHOR, P. (2007). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify.